

## Carta à namorada no furacão de 1932

A seção VITRINE publica uma carta de autoria de Osório Pimentel, datada de **23 de maio de 1932**, em que relata à sua mulher, que se encontrava em Santos, os acontecimentos do dia: as agitações que ocorriam na cidade de São Paulo, em função das manifestações que antecederam a Revolução Constitucionalista.

O interessante conteúdo da carta está acessível pela versão transcrita<sup>1</sup>, mas o leitor poderá ter acesso a cópia digitalizada do original manuscrito, bastando clicar nos colchetes que aparecem destacados no corpo da transcrição.

O documento é composto por 12 folhas, num total de 24 páginas, com o verso em branco.

A transcrição foi feita de forma corrida, respeitando a grafia, pontuação e divisão original de parágrafos.

As mudanças de páginas estão indicadas entre colchetes, no meio do texto (fls. 2; 3; 4; 5; 7; 10; 11) e no início da página (fls. 1; 6; 8; 9; 12).

O original foi doado ao APESP por familiares de Osório Pimentel, autor da carta.



*Cópias dos documentos originais digitalizados da carta*

---

<sup>1</sup> Transcrição de documento manuscrito, a partir de cópia fotográfica e digitalizada, feita por José Heleno Barbosa, aluno do curso de Introdução à Arquivologia, ministrado por Ana Maria de Almeida Camargo no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 2016.

[fl. 1]

São Paulo, 23 de Maio de 1932

Minha saudosa “namorada” !

Em continuação á minha carta de hoje (ás 4 horas) escrevo mais esta para contar o que fiz depois daquella hora até este momento 7,30 — em que acabo de chegar da cidade.

O commercio fechou completamente as portas, sem exceptuar os cafés e restaurantes, que se mantiveram solidarios com os outros.

Como já lhe disse na outra carta, receiei ficar sem condução para a casa, em vista do crescente movimento de protesto que se accentuava por [fl. 2] todos os lados, — intensificando-se a cada momento a multidão que procurava o centro da cidade. Assim sendo, escrevi rapidamente a você, com tempo ainda de apanhar o portador para o correio — pois, diante da expectativa alarmante em que em que estavam todos, receiei não poder mais tarde fazer seguir a carta. Em seguida, sahi á procura do bonde, que justamente passava em frente ao escriptorio. Vi logo que eu tinha razão em não contar muito com esse meio de condução. Logo ao chegar no Largo de São Bento, o bonde teve o trajecto interrompido, pois a agglomeração na Praça Patriarcha impedia a passagem, e todos os bondes da Villa Marianna, faziam [fl. 3] ponto final em S. Bento, cujo largo contornavam para voltar á ponte Grande.

E eu, que no almoço me esquecera de trazer a valise, tive de trazel-a no múque ao longo da Rua Líbero, e José Bonifacio até a Praça da Sé, — onde felizmente o trafego estava normal e um “camarão” já se mexia com destino á nossa pittoresca vivenda dos Eucalyptos, — onde cheguei ás 5 horas. [espaço] Tendo feito hoje um parenthesis na minha quisilia com os jornaes, comprei os da tarde, ancioso por saber em que pé andavam estas encrencas irritantes e interminaveis.

Pelos recórtés que junto a esta, você verá que as manifestações de agora são já bem mais eloquentes e violentas, esperando-se mesmo que [fl.4] [[que]] desta vez a coisa se resolva de um modo mais positivo.

Não tendo eu visto jornaes antes das 4 horas (quando sahi do escriptorio) e não os tendo podido lêr senão depois de aboletado no “camarão”, — tambem não sabia que havia preparado para ás 2 horas um grande comicio popular de protesto.

E então, lendo o convite trazido nos jornaes, fiquei até impressionado com os termos decisivos com que a “Commissão” convocava os Paulistas para reagir até pelas armas, se fosse necessario! — [espaço] O movimento é mesmo empolgante e merecia que todos nós, sem excepção de ninguém, corressemos a auxiliá-lo de armas na mão, — se não tivesse elle na frente, — para [fl. 5] desmoralizá-lo completamente a figura dolorosamente antipathica do Sylvio de Campos, — que foi a alma dannada do regimen passado, a figura repugnante e sinistra do tartufo ignobil, que teria vendido São Paulo inteiro (e talvez o Brasil) se a morte do Carlos de Campos não lhe tivesse interrompido os seus longos e gigantescos vôos de ave de rapina! Pois é esse individuo, — que a revolução devia fusilar logo que triumphar, é esse politiquero réles e cafajeste, que agora se arvora em regenerador de costumes políticos e vem gritar hypocritamente contra aquillo mesmo de que elle foi o creador e maior responsavel !

**[fl. 6]**

Assim pensando, não me impressionou o epitheto de “covarde” com que a convocação dos estudantes taxou os Paulistas que não lhes attendesse ao appello, — pois no fundo, toda essa corja de politicos resa pela mesma cartilha, e só brigam para proveito proprio. [espaço] Portanto, deixei que o movimento corresse á minha revelia, e vim tranquillamente para casa.

Mas, apesar de tudo, fiquei afflicto por saber o que teria havido. Porisso, apressei o jantar e fui para a cidade, «espia» o que havia. Tudo fechado, muita gente em toda a parte, todos com um ar curioso, a procurar por todos os lados as noticias de sensação.

Da Praça da Sé, descí pela Rua 15, [fl. 7] fazendo a volta pelo ‘triangulo’.

A cada momento passam nas ruas, em todas as direcções, grupos de manifestantes, empunhando a bandeira de São Paulo, cantando o Hymno Nacional, e obrigando todo o mundo a tirar o chapéo..

Ao me approximar desses grupos, senti a mesma decepção que tive no di a 30 de Outubro de 1930 ! Gritam todos como Paulistas e em nome de São Paulo. Mas que corja! É a mesma multidão de cafagéstes e desclassificados, que se servem do pretexto para fazer arruaças, pouco se importando com a finalidade desses movimentos. São os mesmíssimos pé-rapados que em 30 de Outubro ativaram as nossas ruas com o celebre «Nós queremos! »

**[fl. 8]**

Tive uma impressão desoladora desse barulho. — Não quer isto dizer que sejam só elles que estão clamando contra o caso” [sic] de São Paulo. Ha muita gente bôa reacção, e nós não podemos julgar todos no mesmo nivel. Mas, essa canalha fedorenta que sáe comettendo desatinos pelas ruas, esses compromettem o exito do movimento, — pois, assim como eu, muitos, muitissimos outros

se encolhem, alheando-se delle, com repugnancia de lutar ou protestar, lado a lado e solidariamente com uma gentalha ignobil, muito abaixo de qualquer classificação ! ———

(Chega de politica !)

**[fl. 9]**

Estou escrevendo este relatorio, agora á noite, tendo começado ás 8 horas. Eu não tinha obrigação de o fazer, pois ainda hoje lhe falei no telephone e mandei -lhe uma carta rapida, de ultima hora.

Mas... como eu sou «tão bonzinho» e o «exemplo dos maridos»... varonicos, — [em] vez de ir no cinema, para me vingar da ausencia da mulher, — enfiei burguezmente as chinellas, jantei o meu [f riscado] bife com salada de agrião, e aqui estou rabiscando estas folhas, — no que não pretendo parar enquanto não completar a duzia de paginas que projectei. Enfim, como você ahi não tem nada para encher o **[fl. 10]** tempo, além do tratamento e as manhas de Maria, forneço-lhe estes elementos, — que tambem lhe poderão servir de narcotico, nas suas insomnias...

Você me diz que já está applicando em Maria o remedio do Dr. Margarido. Muito bem. A receita está aqui: É como eu lhe disse: 1 colher de sopa em 100 cc de água fervida, morna.

Que faça bom proveito para a nossa purunguinha, e que ella se liberte desses bichinhos tão importunos, é o que espero.

No bonde, no famoso 1 H dahí, viajou ao meu lado um casal, muito meus amigos de Ribeirão Preto, e que **[fl. 11]** actualmente moram ahi, em Santos.

Conversando sobre Maria, aconselharm-me logo, — e isto por terem experimentado com os proprios filhos — o uso local da pomada mercurial, tal qual eu já tinha falado com você.

Portanto, não percámos de vista este tratamento, afim de que o tentemos mais uma vez, caso a medicação actual não dê os resultados que desejamos.

O Naur acha que tanto você, como Maria e Benedicta, aproveitariam muito mais essa temporada de beira-mar, se estivessem localisadas em um ponto mais apropriado, como por exemplo, no Guarujá (Pensão Svéa), sendo que nesta época não ha maleita.

**[fl.12]**

—— Espero que os 2 garrafões de Agua da Serra Negra tenham ahi chegado com tempo de não interromper o tratamento do Sr. Vicente.

—— O “Rocamble” que você aqui deixou está uma delicia. Mandei a metade delle, bem como uma porção de balas, para d. Candida.

Nada levei para Clelia, pois na atropelação da sahida, não me lembrei ainda de levar. —

— Tem feito um frio nestas 2 noites, que não ha cobertor que me esquite ! A Vi... i ... i...i...da!...

— Dê lembranças ao seu pae e á Benedicta. — A Você, minha muié, muito querida, e á nossa bólotinha, as minhas saudades, beijos e abraços.

( São 10 horas! — Vou dormir! )

Zó (feito)

São Paulo, 23 de Maio de 1932

Minha saudosa "namorada"!

Em continuacão á minha carta de hoje (às 11 horas) escrevo mais esta para contar o que fiz depois daquelle hora até' este momento 1,30 — em p. de chegar da cidade.

O commercio fechou completamente as portas, sem exceptuar os cafés e restaurantes, que se mantiveram solidarios com os outros.

Como já lhe disse na outra carta, recei ficar sem condueção para a casa, em vista do crescente movimento de protesto que se accentuava por

23  
todas as lados, - intensificando-se  
a cada momento a multidão que prosu-  
rava o centro da cidade. Assim sendo,  
escrevi rapidamente a você, com tempo  
ainda de apressar o portador para o  
correio, - pois, diante da expectativa  
abrumante em que estávamos todos,  
receiei não poder mais tarde fazer  
requisição. Bem seguida, sahi  
à procura do bande, que justamente  
passava em frente ao escriptorio. Vi  
logo que em tanta razão em não con-  
tar muito com esse meio de condução.  
Logo ao chegar no Largo de São Bento,  
o bande teve o trajeto interrompido,  
pois a aglomeração na Praça do Patriar-  
cha impedia a passagem; e todas as  
bandas da Villa Maricuma, faziam

3

ponte final em S. Bento, cujos largos  
continuavam para voltar à Ponte Grande.

E eu, que no alvoroço me esquecera de  
trazer a Valise, tive de trazê-la no minique  
ao longo da rua Libero, e José Bonifácio  
até a Praça da Sé, — onde felizmente o  
tráfego estava normal e um "camião"  
já se mexia com destino à nova pit-  
toresca vivenda em Encalyptos, — onde  
cheguei às 5 horas.

Tendo feito hoje  
uma parenthesis na minha quissilica  
com os jornais, comprei os da tarde, an-  
ciso por saber em que pé andavam es-  
tas encraças irritantes e intermináveis.

Porém recordo-me que junto a esta, Vossê  
verá que as manifestações de agna-  
ção já heur mais eloquentes e  
violentas, esperando-se mesmo que

45  
que desta vez a coisa se resolva de  
um modo mais positivo.

Não tendo em vista jornaes anter-  
das H. Luan (quando sabido de excerptas)  
e não tendo podido ter senão depois se  
abolitado no "Camara", - tambem não  
sabia que havia preparado para a Luan  
um grande comicio popular de protesto.

É certo. Com certeza troquei no-  
jornaes, fiquei até impressionado com  
os termos desicidos com que a "Com-  
missão" com os Paulistas para  
regir até pelas armas, se fosse ne-  
cessario! - O movimento é mesmo  
surprezante e merecia que todos nós,  
sem excepção de ninguém, conversemos  
a auxilio de armas na mão, - se  
não tivesse elle na frente, - para



demoralizal-o completamente a fi-  
 gura dolorosamente antipathien do Syl-  
 vio de Campou, — que foi a alma da ma-  
 da do regimen passado, a figura repugnante  
 e sinistra do tactico ignobil, que  
 teria vendido São Paulo inteiro (e tal-  
 vez o Brasil) se a morte do Carlos de  
 Campou não lhe tivesse interrom-  
 pido os seus logros e gigantescos  
 sonhos de ave de rapina! Pois é  
 esse individuo, — que a revolução  
 devia fuzilar logo que triumphar,  
 é esse politiquero íéles e cafagete,  
 que agora se arvora em regene-  
 rador de costumes politicos e ven-  
 gatar hypocritamente contra aquillo.  
 mesmo de que elle foi o creador  
 e maior responsavel!

Assim pensando, não me impressionou o epitheto de "covarde" com que a couraçada dos estudantes taxou os Paulistas que não lhes attendesse ao appello, - pois no fundo, toda essa coisa de politica era pela mesma cartilha, e só ligavam para proemto proprimir. Portanto, deixei que o movimento viesse a minha revelia, e vim tranquillamente para casa.

Mas, apesar de tudo, fiquei afflito por saber o que teria havido. Porisso, apressei o jantar e fui para a cidade "espiar" o que havia. Tudo fechado, muita gente em toda a parte, todos com um ar curioso, a procurar por todos os lados as noticias de sensações.

Da Praça da Sé, dei pela Rua 15.

72  
fazendo a volta pelo triângulo:

A cada momento passavam nas ruas,  
em todas as direcções, grupos de  
manifestantes, empunhando a bandeira  
de São Paulo, cantando o Hymno Nacional,  
e obrigando todo o mundo a tirar o chapéu.

As me aproximava desses grupos,  
senti a mesma decepção que tive no  
dia 30 de Outubro de 1930! gritam todos  
como Paulistas e em nome de São Paulo.

Mas que coisa! É a mesma multidão  
de cafajestes e desclassificados, que  
se servem do pretexto para fazer arruaças,  
porcos se importando com a finali-  
dade desses movimentos. São os mes-  
míssimos spe-rapados que em  
30 de Outubro atvaram as nossas  
ruas com o celebre « Não queremos! »

Tive uma impressão desoladora de-  
se barulho. — Não quer isto dizer  
que sejam os elles que estão cla-  
mando contra o caso de São Paulo.

Há muita gente boa nessa reacção,  
e ~~gente~~ <sup>mas</sup> não podemos julgar todos  
no mesmo nível. Mas, essa  
cavalha pedorenta que são esun-  
mettendo desatinos pelas ruas, e se  
comprometterem o esito do movi-  
mento, — pois, assim como eu,  
muitos, muitíssimos outros se  
enrolam, alheando-se d'elle, com  
deprecação de lutar ao presta-  
tar, lado a lado e solidariamente  
com uma gentinha ignobil,  
muito abaixo de qualquer  
classificação! —

(Chega de politica!)

Estou escrevendo este  
relatório, agora à noite, tendo co-  
meçado às 8 horas. Eu não tinha  
obrigação de o fazer, pois ainda hoje  
lhe falei no telefone e mandei-lhe  
uma carta rápida, de última hora.

Mas... como eu sou «tas bom-  
quinto» e o «esumphi dor maridori»...  
Varmoar, — ~~uma~~ Key de ir ao cine-  
ma, para me livrar da ausência  
da mulher, — enfiei buqueamente  
as chinellas, jantei o meu ~~f~~ bife  
com salada de agrião, e aqui estou  
relacionando estas falhas, — no  
que não pretendo parar enquanto  
não completar a dúzia de páginas  
que projectei. Sempre, como Koci  
ahi não tem nada para escrever o

tempo, além do tratamento e as  
manhas de Maria, farnego - e he  
estes elementos, - que tambem  
he poderas servir de narcotico,  
nas suas insomnias...

Você me diz que já está  
applicando em Maria o remedio do  
Dr. Margarido. Muito bem. A re-  
ceita está aqui: 8' como em lhe  
dize: 1 colher de sopa em 100" de  
agua fervida, manha.

Que faça bom proveito para  
a mona perunguinha, e que ella  
se liberte logo desies bruhitor  
tas importunos, e'o que espero.

No bandede, no famoso IH dahi,  
Viajar ao meu lado um casal, muito  
meu amigo de Ribeiras Pretas, e que

actualmente moram ahí, em Santos.  
Conseruando sobre Maria, acouse-  
lharam-me logo, - e isto por terem  
experimentado com os proprios filhos -  
o uso local da psorada marcial,  
tal qual eu já tinha falado com V.see.  
Portanto, não perçamos de vista  
este tratamento, apur de que o tente-  
mos mais uma vez, caso a medica-  
ção actual não dê os resultados que  
desejamos.

O Naur acha que tanto V.see,  
como Maria e Benedicta, aprovecita-  
riam muito mais essa temporada de  
beira-mar, se estivessem localiza-  
das em um ponto mais apropriado, como  
por exemplo, no Guarujá (Lenas Silas),  
sendo que nesta época não ha malicia.

— Espero que os 2 ganapões de  
agua da Terra Negra tenham ahí che-  
gado com tempo de não interromper  
o tratamento do Sr. Visconde.

— O "Rocambolo" que Vossê aqui  
deixou está uma delicia. Man-  
dei a metade della, heur como uma  
porção de balar, para D. Bandida.

Nada levei para Felicia, pois  
na atropelacao da sabida, não  
me lembrei ainda de levar. —

— Tem feito um fio nestas  
e noster, que não ha coberto que  
me aquece! Não sei como está  
para ser! A Vi... i... i... i... i... i...!

— De' lembranças ao seu Paé e  
a Benedicta. — A Vossê, minha amie,  
muito querida, e a nossa hólostinha,  
as minhas saudades, beijos e abraços.

(São Iohann! - Vou dormir!)

Jo' (feio)